

ral da evolução lingüística, como instituição social. “Tal como a arte — lembra o Professor Pinho — a língua, guarda independência da religião ou pode estar a ela intimamente associada. Conforme o sentido interno de segurança, uma religião pode adotar as novas formas propostas pela moda, ou ignorar a revolução estética, ou reagir, ressuscitando ou revalidando velhos padrões. (...) De início ou nos períodos de renovação, as religiões tornam-se instrumentos de notáveis progressos estéticos, mas quando são aceitas, cristalizadas nos seus cânones, relativamente imutáveis, tornam-se conservadoras. Qualquer inovação é uma heresia. As formas estéticas como a linguagem se cristalizam em padrões cíclicamente estáticos. A linguagem ritualística exige, muitas vezes, até mesmo uma correta inflexão tonal, não pode jogar nem com a sinonímia. As igrejas vivas, no entanto, se adaptam, renovam-se interna e externamente. A tendência das religiões organizadas é, contudo, tornarem-se arcaizantes. Tal misonismo se apresenta no terreno moral, estético, lingüístico, político”. No que tange à expressão lingüística é o que o autor procura demonstrar, ao longo de mais de cinquenta pequenos tópicos, todos de grande erudição e de grande interesse não apenas para a lingüística, mas igualmente para a história da Igreja e das religiões em geral.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* * *

*

MOLLAT (Michel). — *Genèse médiévale de la France moderne (XIV-XVe siècles)*. Librerie Arthaud. Paris. 1970, 395 pp. 182 ilustrações.

O Autor, professor da École Pratique des Hautes Études (Sorbonne), é medievalista bastante conhecido. Tem se distinguido também como o grande impulsionador dos Congressos Internacionais de História Marítima. Portanto, um livro de Michel Mollat é sempre recebido com satisfação.

Quando acaba a Idade Média? Quando começa a Europa moderna? Essas são as perguntas iniciais que fazemos ao terminar a leitura do livro em apreço. As divisões cronológicas da História são meras convenções pedagógicas e variam de país para país. Todas as características da medievalidade e da modernidade caracterizam a França dos séculos XIV e XV. Obra examina a história da França nesse período, em que as características estão misturadas, onde as discordâncias não são excluídas e os contrastes são bem visíveis.

Entretanto, o desastre da Guerra dos Cem Anos gerou a nação. O desenvolvimento do Estado francês só desabrocha no final de uma evolução em que os momentos mais sombrios e mais baixos correspondem à guerra civil. O recuo demográfico, acentuado pela Peste de 1348, foi compensado lentamente no século XV. Um esforço, sem cessar renovado, acabou por triunfar de uma longa depressão conjuntural. A mais profunda e mais desprezada miséria está lado a lado com a riqueza e o mundanismo. Profundamente perturbadas, as consciências evoluíram, apesar de tudo, para uma religião mais personalizada. No mesmo ritmo as inteligências se orientam para novas soluções, sempre guiadas pe-

las vias racionais da lógica. As forças estéticas, que acreditavam ter esgotados os recursos da inspiração “gótica”, procuram novas fórmulas rejuvenescidas pela Renascença italiana.

Ao texto foi acrescentado uma importante bibliografia, quadros cronológicos e genealógicos e, sobretudo, uma rica iconografia (182 documentos). Tudo isso torna o livro bastante agradável e útil para os que se iniciam nos estudos medievais. Recomendamos, pois, a sua leitura.

E. S. P.

* *
*

LIPINER (Elias). — *O judaizantes nas Capitánias de Cima*. — Editôra Brasiliense. São Paulo. 1969. 226 páginas.

Com êsse sugestivo título o senhor Elias Lipiner oferece aos estudiosos importantes elementos para a reelaboração de nossa história social e para a elaboração de uma história da espiritualidade, campo ainda inédito na historiografia brasileira.

Apoiado nos textos inquisitoriais publicados, das *Confissões* e *Denúncias* feitas ao Santo Ofício na Bahia e em Pernambuco no fim do século XVI e início do século XVII, o A. procurou delinear sentimentos dos indivíduos e traços da psicologia coletiva. Além disso, fixou cenas do cotidiano, propôs vários problemas de ordem social, econômica e política da vida da Colônia.

Nos seis primeiros capítulos do livro procurou o A. pintar a sociedade das capitánias da Bahia e de Pernambuco ao tempo das *Visitações* da Inquisição Portuguesa: o ambiente de inquietação que se instalou ao ser difundida a notícia da chegada do 1º Visitador, a resistência dos cristãos-nôvos aqui estabelecidos à ação preventiva e repressiva do Santo Ofício, o incentivo que a Inquisição dava à vigilância social, o atrativo que as terras onde imperava a liberdade de crença exercia sobre os judeus, e os problemas da censura intelectual.

Nos sete capítulos finais, o A. passa à história biográfica: processos que no Santo Ofício sofreram os Antunes, os Lopes, os Fernandes, João Nunes e Bento Teixeira.

Dêses capítulos emerge uma série de problemas do maior relêvo para a compreensão da vida colonial. Um exemplo: a assimilação dos grupos cristão-nôvo e cristão-velho, que contém, no seu substrato, o sincretismo judaico-cristão. Infelizmente não foi levada em consideração a diferença entre o cripto-judeu e o cristão-nôvo, nem a essência da espiritualidade jesuítica, chave de explicação da tolerância que tiveram, no Brasil, os filhos de Santo Inácio com as idéias e comportamentos sociais dos vários grupos inclusive o hebraico.

A exagerada sensibilidade diante das questões religiosas foi no livro apontada como a explicação para muitos comportamentos diante do Santo Ofício.